

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Jornal do Brasil

Class.:

KGRO1402

Data:

08.01.86

Pg.:

Colonos catarinenses confinam e ameaçam 50 índios caingangues

Florianópolis — Colonos brancos mantêm confinados e ameaçam de morte cerca de 50 índios caingangues que com eles disputam a posse de 1 mil 825 hectares de terra em Sede Trentin, distrito de Chapecó, Oeste de Santa Catarina. Dois destacamentos da Polícia Militar do estado protegem os caingangues. Eles estão acampados em barracos e malocas às margens do Rio Irani, dessasistidos pela Funai, sem água potável, sem comida e sem assistência médica.

A tensão na região cresceu desde que, dia 31, o presidente José Sarney desapropriou 912 hectares, de 41 famílias de colonos, dividindo ao meio a área para criar uma reserva indígena. Alguns colonos ameaçam "lutar até a morte" pelas terras. Os índios querem o restante da área, não satisfeitos com a desapropriação parcial.

Confinamento

Os índios estão virtualmente prisioneiros há 10 meses, desde que o governo federal anunciou uma solução para o conflito. Os colonos tentam, assim, negar a presença dos caingangues sobre o total da área. Padres, jornalistas e funcionários da Funai são recebidos com desconfiança e hostilizados pelos colonos.

Vilmar de Angelis, do Cimi (Conselho Indigenista Missionário, da CNBB), sofreu um atentado a bala, em 1984, do qual escapou ileso. Acusou os colonos, mas a polícia nada apurou. Desde então, o Cimi tem atuado mais junto aos gabinetes de Brasília.

Há vários casos de violência de colonos contra índios relatados, mas nenhum foi apurado. Os colonos têm o apoio aberto dos políticos e lideranças do Oeste catarinense. No bar, bolão e boliche do Benigno, no povoado de Sede Trentin, o intendente (subprefeito) Ernesto Daligna disse, sábado, depois que a desapropriação foi confirmada: "Nenhum colono aceita sair daqui. Temos escrituras registradas em cartório e, se elas não servem para nada, então o melhor é lutar."

Outro colono, com forte sotaque italiano, disse que, "se papel não garante a propriedade", vai sair "por aí fazendo propaganda de comunistas". Promete, na próxima eleição, "votar no Fidel Cas-

tro". No acampamento dos índios, o capitão Angelin Fowti disse que a decisão do presidente de dar a metade ainda não é suficiente. "Temos direito a tudo. Não estamos pedindo favor nem esmola. Queremos nossa terra para trabalhar. Queremos liberdade para viver, para plantar e colher. Não podemos ficar aqui dependendo da comida da Funai, que não é suficiente para nossa gente."

O colono Inocêncio da Silva, 39 anos, é um dos que dizem que lutará "até a morte". Dono de 7,5 hectares, exige pagamento à vista ou terra em Chapecó para sair do lugar. "Se não me derem isto, vou morar no palácio do governo ou na casa do bispo" (alusão irônica a Dom José Gomes, bispo de Chapecó, defensor da causa indígena).

Muitos colonos dizem que lutarão até morrer, mas todos admitem sair se receberem dinheiro vivo pela terra. A desapropriação por "utilidade pública" usada pelo presidente (diferente da por interesse social, usada na reforma agrária) obriga o governo a pagar antes de ocupar as terras. Terá de indenizar também as benfeitorias e a madeira existente na terra, além das despesas de reassentamento, que deve ser executado pelo INCRA a preços de mercado. Difícil é encontrar terra para colocar os desapropriados: são 41 famílias de colonos, 24 de arrendatários, total de 300 pessoas.

"De que jeito eles vão fazer isto? Não há terras disponíveis na região. Os agricultores sem terra acampados há meses por aí ainda não foram reassentados pelo INCRA. Nossas terras valem na base de 15 milhões o hectare, incluindo benfeitorias. De onde é que vai surgir o dinheiro para isto? Sair daqui para morrer na beira da estrada eu não saio. Aí eu luto. De arma na mão." (Inocêncio, apoiado pelos demais frequentadores do bar do Benigno, bebendo cachaça.)

Enquanto os colonos esperam o dinheiro, os índios ficam no acampamento às margens do Irani, de águas barrentas e poluídas. Para chegar lá é preciso vencer a contra-informação (há um pacto de silêncio entre os colonos) e uma barreira da PM. A propósito, seus homens (cerca de 20) bebem água trazida em bombonas

plásticas por uma camionete da Secretaria do Oeste, do governo do estado.

Uma placa marca o local: "Reserva indígena. Área proibida", invocando artigos da Constituição. A reserva ainda não foi criada legalmente. Quem botou a placa lá foram os próprios índios. Mas, para efetiva segurança, eles têm seu "exército": oito guerreiros maltrapilhos, armados com quatro cassetetes, três lanças, arcos e flechas — flechas rombudas, sem pontas.

Eles cercam as visitas. Os guerreiros são quase 10 mulheres e 30 crianças, todas com menos de 10 anos. É tudo que resta dos caingangues do Toldo Chimbanguê (nome que eles dão a Sede Trentin). Um menino de prováveis cinco anos é atropelado por um porco, cai chorando ninguém dá bola. Um frango morto (talvez pelo calor que fazia domingo, 35 graus) é chutado por outras crianças no centro do terreiro. Uma índia troca as fraldas de um bebê numa maloca. Mães sobem do banho de rio com crianças de colo.

Numa das malocas há um rádio de pilha quebrado, um fogão a lenha cozinhando alguma coisa que cheirava mal, uma criança chorando lá no fundo, uma garrafa térmica sem tampa, uma cachaça pela metade, uma banheira azul de plástico rasgada no fundo, uma caixa de papelão de detergente com açúcar cristal, uma lata de óleo de soja da Cobal, um telefone quebrado, pilhas de trancos sujos, uma cama feita com galhos de árvores, uma criança que não chora (brincando com os pedaços do telefone) e uma índia velha que chega para mexer na panela que cheira mal no fogão.

A tribo toda posa para as fotografias. Já estão acostumados. Tem até poses estudadas. E um discurso ensaiado: "Queremos demarcação da reserva. Assistência da Funai. Que o IBDF impeça os colonos de tirarem madeira. Queremos escola. Queremos o direito de ir e vir. Queremos o fim das ameaças".

Carlos, um dos guardas, de cocar com penas de galinha na cabeça, é o que fala mais duro. Diz que vai reagir com violência às ameaças dos colonos. Brande o arco e as flechas rombudas. Os outros riem.